


ENSAIOS DE UM LIVRO-BIKE: SOBRE BAGAGEIRO, DE MARCELINO FREIRE

Essays of a book-bike: about Bagageiro, by Marcelino Freire

Rodrigo Fonte

 <https://orcid.org/0000-0003-0961-4028>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 21941-917 – posvernaculas@letras.ufrj.br

Marcelino Freire é um desses escritores cuja energia artística está estampada em cada detalhe de sua obra. Desde o discurso híbrido, que mistura expressões tipicamente de Sertânia, sua cidade natal, à ambiência poética paulistana com a sua intrínseca necessidade de agilidade, os tipos humanos muito humanos (corretos e desviantes), as pequenas e grandes violências, seu rap e seu gás carbônico, até a liberdade com que forja o próprio perfil autoral estilizado, o que encontramos em sua literatura é a tentativa de romper, com a maior brusquidão possível, os enquadramentos estéticos previstos aqui e ali nos meios críticos. Em outras palavras, há em sua poética uma mobilidade temática extraordinária, que marca a versatilidade de um criador no mínimo ambicioso. Engana-se, porém, quem acredita que, com isso, acontece alguma ranhura no burilamento da linguagem de seus textos, ou que o autor cai, por exemplo, na artificialidade de um performático transitório. Ao contrário: a vivacidade com a qual Marcelino Freire se apropria e suplementa os recursos da linguagem o coloca em pé de igualdade a escritores como Lygia Fagundes Telles, João Gilberto Noll e Caio Fernando Abreu – para citar alguns famosos contemporâneos seus.

Partindo de *AcRústico* (1995), livro publicado por conta própria, passando pelos icônicos *Angu de sangue* (2000), *BaléRalé* (2003), *Contos negreiros* (2005), Marcelino Freire se firma efetivamente no território literário com o (primeiro) romance *Nossos ossos* (2013). Antes, no entanto, ainda como uma espécie de procura estética, em 2004 organiza a antologia *Os cem menores contos brasileiros do século*. Aqui, lado a lado de outros artistas importantes, ele torna mais nítida uma tendência atual na produção literária brasileira: a hiperconcisão. Eis a tônica do percurso de sua experiência estética, que enfim culmina em *Bagageiro*, lançado em 2018.

O leitor sensorial (ou leitor comum) que carregamos em nosso íntimo, esvaziado de qualquer preocupação crítica ou analítica, que, segundo Virginia Woolf, frui “para seu próprio prazer muito mais do que para repetir conhecimento ou corrigir opiniões alheias” (2013, p. 11), poderia ter alguma dificuldade em identificar o gênero desse novo livro de Marcelino Freire,



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

caso isso fosse essencial para a sua relativa compreensão. A fim de assegurar-se minimamente de que, na qualidade de interlocutor da voz narrante elaborada pelo autor, a sua coparticipação no sentido da obra está garantida, tentaria, quem sabe, tornar nítidos os ruídos que os textos de *Bagageiro* – chamados de “ensaios” – trazem. Poderia, ainda, reclamar a sua incômoda ausência nas entrelinhas dos ensaios, já que fica bastante claro que *Bagageiro* foi escrito para o deleite do próprio autor.

O que fica a cargo do leitor são as risadas dadas em várias passagens, como se ouvíssemos os chistes de um amigo espirituoso que ironiza a mitificação da literatura, do escritor – e com ele, abraçados, tornássemos o repertório da arte algo mais leve. Apesar disso, como não poderia deixar de ser, cada detalhe do livro é significativo: do projeto gráfico até a orelha – em que temos uma “amiga escritora” não identificada (imaginária?) de Marcelino Freire, que, de acordo com ele mesmo, imita a sua fala e permite que ele assine no seu lugar para falar metalinguisticamente da produção de uma orelha de livro e, claro, explicar o seu título.

Bagageiro extravasa, enfim, liberdade. Foi escrito, certamente, para se ler num arranco só, como se estivéssemos em trânsito numa bicicleta – daí, portanto, o título: bagageiro, no Recife, conforme a explicação da orelhista-fantasma, “é onde a gente leva tudo, de carona, em cima da bicicleta”. Acrescenta ainda Marcelino Freire (2018) na orelha do livro – e nesse ponto a contradição de seu discurso de autor que nega o autoelogio: “Eu queria juntar algumas histórias nesse *Bagageiro*. E dar uns toques, entre um conto e outro, e às vezes até dentro do próprio conto, sobre a escrita, a reescrita, a crítica, o país, o mundo, a vida literária. E não literária. Sem compromisso, foi isso” (FREIRE, 2018, s. p).

Bagageiro é um livro sobre o universo da literatura, da arte, cheio de referências a obras fundamentais e a seus criadores. Mas também é a compilação do universo de um escritor, no alvorecer de sua maturidade artística; é sua travessia pelas veredas do ofício.

A epígrafe do livro, aliás, traz uma frase de Virginia Woolf, segundo a qual tudo que aprendeu foi andando de bicicleta. Tal imagem nos remete exatamente ao escritor em absoluta liberação das amarras à medida que avança no estudo de sua criação. Não existe mais regras que lhe cerceiem a imaginação: a simplicidade dos inspirados parece ter sido, afinal, encontrada. Não por acaso Marcelino Freire (2018) escolhe chamar os contos de ensaios. Mudar a designação do texto transforma o gênero a qual pertence. Ensaio é o espaço da reflexão acerca de alguma coisa; é uma apropriação despudorada. Como afirma Max Bense, “o ensaio é expressão do modo experimental de pensar e agir, mas é igualmente expressão daquela atividade do espírito que tenta conferir contorno preciso a um objeto, dar-lhe realidade e ser” (2014, s. p). Para Theodor W. Adorno (2012),

o ensaio se aproxima de uma autonomia estética que pode ser facilmente acusada de ter sido apenas tomada de empréstimo à arte, embora o ensaio se diferencie da arte tanto por seu meio específico, os conceitos, quanto por sua pretensão à verdade desprovida de aparência estética (ADORNO, 2012, p. 18).

Assim, temos em *Bagageiro* ensaios sobre tudo – ou quase tudo – que diz respeito a *poiesis* da vida. Da poesia (em que há referências a Cora Coralina, Adélia Prado e Cecília

Meireles) à prosa (em que há mais nítida a figura do autor, entremeado nos fios da ficção e da memória), passando pelo universo da televisão (em que discute o valor desse fenômeno que vem reduzindo a existência a quase nada – de acordo com os personagens), o autor segue empilhando no seu “livro-bike” todo repertório que compôs a sua expressão artística.

Apesar da excelência de todos os ensaios, dois deles merecem ligeiros comentários: o “Ensaio sobre a educação” e o “Ensaio de ficção” (dividido em quatro partes).

No primeiro, uma professora de escola pública participa de um programa de televisão em que deverá responder cinco perguntas elaboradas por alunos de várias escolas do país. O prêmio será uma biblioteca para a escola. Bem como a educação brasileira, a professora é posta no centro de um picadeiro eufemisticamente construído pelo narrador como palco. O ridículo da situação pouco a pouco converge para a figura simplória da mulher. Ela logo se torna motivo de zombaria do apresentador do programa, que se vangloria da própria capacidade de criar frases excêntricas e de duplo sentido em torno da situação difícil das escolas do Brasil, e isso aumenta a audiência – é engraçado ver um professor em maus lençóis, ao que a sequência indica. As perguntas que a professora responde se referem a áreas do conhecimento geral, e ela se sai bem. Mas a última, “em que ano nasceu Ayrton Senna”, torna-se o ápice do escárnio, sobretudo quando o possível erro pode lhe render uma torta na cara. Explica o apresentador: “Temos sempre este instante de descontração. Uma brincadeira. Quase uma recreação, professora. Não leve a mal. É só para mostrar para o Brasil inteiro que a educação é também um jogo. Um grande jogo” (FREIRE, 2018, p. 99).

É notória a crítica que o autor faz à maneira como a educação tem sido tratada. No entanto, subjacente a isso está a observação arguta quanto à postura da professora (representando os profissionais da educação). Ela encarna a figura do sobrepujado, do desencaixado, de quem não merece loas sinceras por estar completamente alheio à realidade que extrapola os muros da escola. Ela entra, então, no palco

vestida feito uma professora em sala. Saia cor de giz, uma blusa azul-marinho. Um suéter para o frio. E o estúdio tinha luzes quentes. A professora, a principal atração. O público a recebeu como quem recebe a uma mãe. As palmas eram fraternas. Mãos e braços e pernas. Decorados antes, nos ensaios (FREIRE, 2018, p. 89).

A professora simboliza, pois, a circunstancial falta de apreço íntimo que muitos educadores têm mostrado, sobretudo em seu discurso às vezes derrotista. O seu repertório é o dos conformistas que trabalham passivamente em condições deploráveis, cercados pela marginalidade, bem como pela imparcialidade do poder público. Ao mesmo tempo que a narrativa engendrada por Marcelino Freire (2018) descontraí pela encenação cômica, evoca uma intensa aversão, um temor, talvez, de que semelhante situação/condição se perpetue, e que o ser humano se habitue a compreender a educação como uma experiência menor no processo de formação humana.

Passando ao largo da mera militância, Marcelino Freire (2018), nesse ensaio singular, modela a linguagem de seu texto para impactar o leitor – ou, no mínimo, inspirar-lhe alguma

reflexão. O tema é apenas o pretexto para a criação; importa a maneira com que o autor formulará as suas questões, provocará reações físicas e emocionais no leitor. Daí, mais uma vez, a escolha do ensaio por Marcelino Freire (2018) como um caminho para se chegar mais facilmente aos seus propósitos. Quanto a isso, Max Bense (2014) observa que

escreve ensaisticamente quem tenta capturar seu objeto por via experimental, quem descobre ou inventa seu objeto no ato mesmo de escrever, dar forma, comunicar, quem interroga, apalpa, prova, ilumina e aponta tudo o que pode se dar a ver sob as condições manuais e intelectuais do autor. O ensaio busca apreender um objeto abstrato ou concreto, literário ou não literário, tal como ele se dá nas condições criadas pela escrita (BENSE, 2014, s. p).

De fato esse é o grande valor de *Bagageiro*: explorar as possibilidades linguísticas de um determinado gênero textual. Mais: funciona como uma porta de entrada para o jardim secreto e selvagem de um artista – pois o escritor quer construir uma verdade toda sua e o leitor quer desvendá-la. Nesse sentido, leitor e autor comungam do estranho desejo de encontrar o valor da literatura. E quando autor e leitor se tornam um ser só, isso fica muito mais claro. É o que ocorre nos “Ensaio de ficção” (I, II, III e IV), por exemplo, em que Marcelino Freire (2018) quebra a sequência de narrativas para elencar, como fragmentos esparsos, digressões acerca de figuras do universo literário e do ato de escrever. O tom utilizado nessas partes – que podemos entender como cisões que refrigeram o circuito dramático dos demais ensaios – é da mais refinada ironia (até mesmo lançada sobre seus pares):

Clarice Lispector não era boa em título. Pedia conselho para Fernando Sabino. Uma vez ela quis chamar um novo romance de *A veia no pulso*. Sabino a fez desistir. Vão pensar que é aveia. Ela também, secretamente, consultou João Cabral. Ele adorou o *A veia*. E ainda, em carta, perguntou: quem foi o errado, Clarice, o idiota que falou isto para você? (FREIRE, 2018, p. 41).

Em outros momentos o escritor abusa dos trocadilhos: “Tenho a ideia de convidar escritores com cinquenta anos. Para uma antologia pornográfica chamada *Cinquentões de cinza*” (FREIRE, 2018, p. 43); “Ainda escrevo um livro chamado *O cheiro do rabo*” (FREIRE, 2018, p. 87). Ou de repente nos traz duas observações preciosíssimas: “Os dois pontos do *Grande sertão* são a porta de entrada para o romance. São por onde a gente entra no grande portal. São um sinal alienígena” (FREIRE, 2018, p. 49) e “Baleia e Macabéa são a mesma pessoa” (FREIRE, 2018, p. 82). Há ainda, nesses ensaios de ficção, frases de efeito carregadas de ambiguidade crítica: “Escritor marginal mata escritor imortal” (FREIRE, 2018, p. 52); “Juro que tudo o que escrevo é verdadeiro. O mentiroso sou eu” (FREIRE, 2018, p. 122).

No fundo Marcelino Freire é um grande humorista da nossa literatura – humorista não em seus contornos pejorativos, conforme os usos mais recentes e midiáticos da palavra têm-nos apresentado, mas como quem elabora a linguagem para tornar banais os problemas mais graves do humano. É como se machadianamente subvertesse a perspectiva da realidade, apenas pelo prazer de fazer malabarismo com as palavras.

Se antes as prosas curtas e longas, assim como os poemas de Marcelino Freire soavam

como um grito de quem luta obstinadamente para se firmar, agora, com *Bagageiro*, temos uma literatura cujo tom está algumas oitavas abaixo – exata, agradável e estimulante. Passados longos anos, desde *Nossos ossos* (2013), sem produzir um texto vigoroso, Marcelino Freire traz a lume, sem dúvida, um livro que inicia a nova fase de sua trajetória literária. Trata-se, portanto, de um movimento simultâneo para frente – arriscando novas formas de narrar – e para trás – colocando no bagageiro os elementos que constituíram o homem e o escritor.

Referências

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Trad. de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2012, p. 15-45.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. Tradução de Samuel Titan Jr. In: *Revista Serrote*. IMS. n. 16, 2014. Disponível em <http://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/>. Acesso em 27 de mai. 2019.

FREIRE, Marcelino. *Bagageiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

WOOLF, Virginia. O leitor comum. In: WOOLF, Virginia. *O leitor comum*. Trad. de Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2013, p. 11-12.

NOTAS DE AUTORIA

Rodrigo Fonte (r.jill@hotmail.com) possui graduação em Letras – Português/Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Mestre em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015). Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). Professor de Língua Portuguesa do segundo segmento do ensino fundamental do quadro efetivo da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

FONTE, Rodrigo. Ensaio de um livro-bike: sobre *Bagageiro*, de Marcelino Freire. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 190-195, 2019.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 25/08/2019

Aprovado em: 13/10/2019

